

108
LEANDRO GOMES DE BARI

ROS

SEGUNDO DEBATE DE RIACHÃO COM O DIABO

Fingido em homem chamado Mumbaça



A' VENDA em casa do autor e editor em Afogado á rua do Motocolombó n.º 190 Arrabalde do Recife.

«Popular Editora», Parahyba — 12 — 917.

(150)

Segundo debate de Riachão com o Diabo

Fingido em homem chamado
Mumbaça.

Mumbaça—Camarada Riachão
Eu sou o velho Mumbaça
Que nunca entrou em função
Que não fizesse desgraça,
Quem cantar com elle perde
O nome, a fama e a graça.

Riachão—A graça de Riachão
Para você acabar
E' preciso lutar 100 annos,
E' necessario criar
Unhas igual as da onça
E pernas como imbuá.

M—Eu quando quero fazer
Numa familia explosão
Ella pega a soffrer logo
Do peito e do coração,
Começo pelos mais velhos
Vou a quinta geração.

R.—A familia Riachão
E' toda feita de aço,
O fogo não a derrete,
Ferro não tira pedaço,
Apagam raio com a mão,
Pegam curisco com laço.

M.—Podem engolir curisco
E forrar cama com raio,
Eu assisto a tempestade
Como quem vai a um insaio,
Não ha quem vá aonde eu vou
Nem saia por onde eu saio.

R.—De qual logar é você
Com semelhante vantagem?
Terá viudo do inferno
Contar aqui pabulagem?
Garanto que você sai
Perdendo desta viagem.

M.—Lhe garanto que não sou
Deste sertão atrazado,
Sou de um reino onde tem
Povo mais civilisado,
Cathegoria e progresso
De um paiz adiantado.

R.—Pois meu amigo Mumbaça
Vossa mercê não supponha
Que resiste meu rojão
Até que a lua se ponha,
Seu resultado é fugir
Passar por uma vergonha.

M.—Camarada Riachão
Não pense em tal, é asneira,
E' mais facil você ver
Sarna numa cordilheira
Do que Mumbaça sahir
De uma função na carreira.

R.—E porque razão não sai
Já tendo tantos sahido?
Ninguem não deve falar
Antes do acontecido,
Nunca achei bicho bravo
E nem cantador sabido.

M.—Eu sou o mestre dos mestres,
Professor dos professores,
Patrão de muitos patrões,
Senhor de muitos senhores,
Juiz de muitos juizes,
Tutor de muitos tutores.

R.—Eu não invejo quem sabe
Nem quem tem bens e dinheiro
Com certeza eu me atrazei
Você andou mais ligeiro
Mais o mestre que ensinou-lhe
Foi quem aprendeu primeiro.

M.—Meu mestre foi meu dissipulo
Foi preciso eu lhe ensinar
E explicar-lhe as lições
Que eu havia de lhe dar
Nem um de nós fomos mestre
Como se pode explicar?

R.—O pouco que sei é meu
O que alguem tem não cubiço
Nem sei o que é sciencia
Não estudei nada disso
Porem em martello brabo
Você encontra serviço.

M.—O que eu sei tambem é meu
Fui o mestre mesmo de mim
Tive quem deu-me principio
Mas não tenho quem me dê fim
Nunca alguém me viu errar
Tudo que faço é assim.

R.—Não estou falando em sciencia
E nem estou lhe argumentando
Eu quero é martello duro
E' em que está se tratando
Você parece o diabo
Que está aqui me attentando.

M.—Camarada Riachão
Não precisa se veixar,
Para onde vou chego cedo
Não quero sacrificar
E toda fraqueza sua
Eu posso discimular.

Riachão então ficou
Um pouco desconfiado
Lembrou-se logo de um negro
Com quem já tinha cantado
E o negro era o demonio
Que foi alli desfarçado.

Porem como foi chamado
Por alta cathegoria
Homem de bons predicados
Onde traição não havia
Se esqueceu de perguntar
Se o major o conhecia.

Riachão naquelle mez
Nem pensava ir a função
Estava na praia em seu sitio
Fazendo uma plantação
Quando chegou-lhe uma carta
Vinda do alto sertão.

O major Silvino Pires
Tinha o mandado chamar
Dizendo: tenho uma filha
E essa vai se casar
Convido vossa mercê
Para vir aqui cantar.

E mando avisal-o logo;
Aqui tem um cantador
Muitas pessoas aqui
O julgam superior
Para se certificar
Se informe do portador.

Vai um cavallo de sella
Para o Senr. vir montado
E cem mil reis em dinheiro,
Bem atendido, este é dado,
Disponha do velho amigo
Silvino Pires Conrado.

Riachão fez a viagem
Com 15 dias chegou
O major Silvino Pires
No caminho o encontrou
Se apeiando do cavallo
A Riachão abraçou.

O leitor deve saber
Pela forma que elle entrou
Está na primeira pagina
Como elle principiou
Que por isso Riachão
Tambem não desconfiou.

Ora! aproximou-se a festa—
A moça foi se casar,
Riachão depois do acto
Foi para salla canntar,
Entou aquelle individuo
Chamou dama e foi dançar.

Confessou a um daquelles
Ser tambem um cantador
Perguntou-lhe Riachão
De que parte é o senhor?
Rogo a vossa senhoria
Dizer onde é morador?

O tal:—Meu amigo Riachão
Seu criado é da Bahia
Nasci e criei-me lá,
Cheguei aqui outro dia,
Tenho vinte e sete annos
Só vivo de cantoria.

Riachão—Porem como é seu nome?
Eu ja estou escabriado
Cantei com um nego um dia,
Era um ente endiabrado
Senhor, meu nome é Mumbaça
Disse o tal recémchegado.

R.—Mumbaça pois vamos ver
Qual será o vencedor,
Riachão é conhecido
Como primeiro cantor,
Para cantar em 6 linhas
Não temo nem a doutor.

M.—Riachão eu nunca achei
Cantador que me calasse,
Altura que eu não subisse
Poço que eu não mergulhasse
Questão que eu não vencesse,
Riacho que eu não tapasse.

R.—Nas aguas do meu riacho
Nunca ninguem navegou,
Até o proprio diabo
Quiz atravessar se afogou
Em qualquer poço dos d'elle
Nunca ninguem mergulhou.

M.—Riachão olhe que eu canho
Os instrumentos primeiros,
Tenho bons navios de vella
Amestrados marinheiros,
Capitão e contra mestres,
Mestres, pilotos, gajeiros.

R.—Os poços de meu riacho
Não ha quem possa os sondar
São iguaes ao Amazonas,
Superiores ao mar,
Triste do que cahir nelles
Inda sabendo nadar.

M.—Eu tenho bons escaleres
Que atravessam qualquer rio
Com instrumentos que cortam
O gelo aonde for frio,
Ao maior barco do mundo
Um desses faz desafio.

R.—As aguas do meu riacho
Descem com tal ligeiresa
Que arrastam pedras inormes
Sobre sua correnteza
Qualquer barco que lá for
Vai ao fundo com certeza.

M.—Eu tenho em minha officina
Escaleres preparados
Vão do polo norte ao sul
Inda sendo carregados,
Até de peixes ferozes
Nos mares são respeitados.

R.—Mumbaça fique siente
Nas aguas de meu riacho
Haver um navio que entre
Eu procuro mais não acho
Inda mesmo na represa
Não entra que vai embaixo.

M.—Olhe Riachão, eu tenho
Instrumentos e aparelhos
Infeliz o cantador
Que não tomar meus conselhos
Depois se prostra aos meus pés
Que ferirá os joelhos.

R.—Mumbaça, Riachão velho
Não se curva a cantador
E meus joelhos só foram
Aos pés de meu confessor
Nasci e criei-me livre
Não tenho superior.

M.—Não ha ente neste mundo
Que não seja governado
O rei tem que consultar
A assembléa e ao senado
Até indio tem governo
Você assim está errado.

A terra é sujeita a outro
Planeta superior
Como bem sujeita ao sol
Que lhe fornece calor
Por muito grande que seja
E' a outro inferior.

R.—Mumbaça você parece
Ser um ente endiabrado
Porque razão vem você
Neste sertão atrazado
Que suas phrases dão provas
De homem muito illustrado.

M.—Eu ando por toda parte
Explorando a destração
E com isso ganhei muitas
Amisades no sertão
Gosto de cantar repente
Não despenso uma função.

R.—Quando vejo cantador
Gosto de desafial-o
Encontrando bicho duro
Vou no brando até caçar-o
Boto-o no fogo de noute
De manhã vou almoçar-o.

M.—Onde Mumbaça cantar
Tão cedo não vai cantor
Porque fica conhecendo
Meu genio superior
Por muito grande que seja
Dez annos perde o valor.

R.—Não ha quem perca o valor
Para o que foi destinado,
O homem traz ao nascer
O documento sellado
Passa quer queira quer não
Pelo que foi decretado.

M.—O homem tambem as vezes
Tem uma transformação
A sorte é como uma vaga
Na força do furacão
O bem pode aparecer
O mal perder a acção.

R.—Quem é bom já nasce feito
Quer um plebeu quer um nobre
Quer seja um mi'ionario
Quer seja o homem mais pobre
Inda se contrafazendo
Seu nascimento o descobre.

M.—Riachão nesta materia
Você é muito atazado,
Eu conheso tudo isso
Estou muito habilitado
E você ver os exemplos
Que ao mundo tem se dado.

R.—E' devido aos exemplos
Que acredito no destino
O homem que ha de ser máo
Não presta desde menino
Vê-se sua enclinação
Logo muito pequenino.

M.—Vezes o menino é máo
Tem ruim inclinação
Mas por exemplo dos paes
Ha uma transformação
Ahi em vez de uma féra
E' um bello coração.

Mumbaça dizia isso
Mas muito contrariado
Vendo se por esse meio
Riachão éra laçado,
Quando perdeu o que fez
Uivou como um cão damnado.

Riachão disse Mumbaça
Conheceste o redemptor?
Mumbaça franziu a cara
E respondeu não senhor
De lá só conheço Judas
E' hoje meu morador.

Riachão disse, maldito:
Jesus é meu salvador,
É minha luz minha guia,
É meu pai e meu senhor,
É elle minha esperança
Pois morreu por meu amor.

Antes de findar-se o verso
Elle dalli se sumiu
Entre duzentas pessoas
Elle se foi e ninguem viu
Apenas uma criança
Viú por onde elle sahíu.

O major Silvino Pires
Foi a sua camarinha
Trouxe uma vella banca
É uma imagem que tinha
Nossa senhora da luz
Que da noiva éra madrinha.

Se ouvia no espaço
Um infernal alarido
Gritos estampidos grandes
Como quem estava sentido
Era e demonia por ver
Todo trabalho perdido.

Riachão de madrugada
Inda tornou a cantar
Uma parte da escriptura
Para o povo apreciar
Desde a criação do homem
A Christo resuscitar.

Riachão disse cantando
Nada sobre nada havia
Nem céo nem terra nem mar
Nem cousa alguma existia
Mas a escriptura diz
Deus sobre as aguas vivia.

Não se sabe onde eram as aguas
Onde estava o criador
Porque o mundo éra um vacuo
Sem luz, sem ar, sem calor,
Para esse grande mysterio
Não ha bom descifrador.

Deus fez o céo e os anjos
De sua sabedoria
Deixou Lusbel em seu throno
Fingiu que não sabia
Lusbel bastante ancioso
Aguardava aquelle dia.

No primeiro dia Deus
Ordenou faça-se o mundo
E depois ordenou faça-se
A luz no dia segundo
Então no terceiro dia
O mar tão grande tão fundo.

No quarta dia fez Deus
O sol que vemos tão quente
E no quinto então criou
Tudo que fosse vivente
No sexto dia restava
Fazer o homem somente.

E servindo-se da terra
Com a sua propria mão
Tirou uma parte e fez
O homem e chamou-lhe Adão
Segundo diz a historia
Pae de nossa geração.

Fez um jardim de delicias
E nelle o homem deixou,
Subiu ao céo foi ao throno
Quando Lusbel encontrou
Querendo propor questão
Ao mesmo Deus que o criou.

Este anjo tão rebelde
Desconhecendo a razão
Fez quantidade de anjos
Sem ter autorização
Cujos hoje são diabos
Victimas da grande ambição.

Voltou Deus ao paraizo
Estava Adão sem alegria
Queixou-se ao genio fecundo
Que viver só não podia
Tinha tudo e nada tinha
Faltava uma companhia.

Deus fez que o homem dormisse
E tirou-lhe uma costella
Fez a mulher alli mesmo
Cazou o homem com ella
Ordenou-lhe que vivesse
Na harmonia mais bella.

Disse Riachão não posso
Descrever o resto agora
O dia está se findando
E ja vem rompendo a aurora
Se não houver contra-tempo
Canto-a antes de ir embora.

Se algum dia eu morrer

Desde já previno aos parentes
Por acaso se um dia eu fallecer
Fique tudo calado como um ceco
Nem um—mal empregado—hão de dizer.

Athaude se alguém quizer fazer
Não precisa madeira dellicada
Eu prefiro as taboas das vasilhas
Que se bota aguardente imaculada.

Ladainhas e officios isso eu não quero
Agua benta no cadaver nem um tico
Antes quero uma freira ainda moça
Junto a mim cantando o mangerico.

No enterro tambem não quero frade
E cuidado não vá lá um nova cita
A ordem de frei bode é conhecida
Onde vai a desgraça fica feita.

De responso e orações eu não preciso
Muita resa bota até defunto a pique
Se poderem cavem minha sepultura
Num engenho onde tenha um alambique.

A mortalha que preciso levo mesmo
Esta roupa com que ando aqui vestido
Uma garrafa de cana na algibeira
Quero mesmo chegar no céu ruidoso.



4034

(20)